

## ESPIRAL RECESSIVA NO SETOR DA CONSTRUÇÃO

O setor da Construção vive num contexto de espiral recessiva, com uma queda prolongada da produção nos últimos 10 anos, que abrange o conjunto dos segmentos de atividade: a Habitação, o Não Residencial e a Engenharia Civil.

O Setor está confrontado com uma quebra sem precedentes na atividade produtiva, com a falta generalizada de obra e, mais grave ainda, sem perspetivas de uma rápida alteração da conjuntura, como resultado da crise de confiança que atinge o conjunto da atividade económica em Portugal e que afeta, em particular, o investimento.

As previsões da AECOPS para 2013 apontam para uma nova quebra da produção de 15%, com uma redução preocupante de 18% na Habitação, de 14% na Engenharia Civil e de 13.8% no segmento Não Residencial. Os números são alarmantes, há um sério risco de colapso económico do Setor, com repercussões em cascata no conjunto da economia e com consequências imprevisíveis em termos sociais e políticos.

As empresas têm demonstrado uma capacidade de resistência e resiliência muito para além do expectável, mas a situação é explosiva, porque as dificuldades continuam a agravar-se, com as obras a chegarem ao fim e sem novas encomendas, com atrasos nos pagamentos, incumprimentos, insolvências e desemprego. As tensões vão-se acumulando e a corda pode partir.

### Valor da Produção da Construção Preços Constantes

	2000(E) (M €)	2012(E) (M €)	2013(P) (M €)	Variação 2013 / 2012	<b>Em 2013:</b>  <b>Produção do Setor cai 15%</b>  <b>Construção de habitação cai 18%</b>
				(%)	
<b>Edifícios Residenciais</b>	8.971,8	2.474,7	2.029,2	<b>-18,0</b>	
<b>Edifícios Não Residenciais</b>	3.252,3	2.545,1	2.193,1	<b>-13,8</b>	
<b>Engenharia Civil</b>	6.411,9	4.678,1	4.023,1	<b>-14,0</b>	
<b>Total do Setor</b>	18.736,0	9.697,8	8.245,4	<b>-15,0</b>	

Fonte: AECOPS (E) Estimativa (P) Previsão

**2013.julho**

Como se pode observar nos quadros seguintes, a deterioração da situação do Setor agravou-se de forma significativa no passado recente, com fortes repercussões a todos os níveis e originando uma expressiva **destruição** da capacidade produtiva instalada e do emprego.

Da análise da realidade, é possível identificar três crises distintas, que vêm convergindo para uma situação insustentável. Estamos, assim, confrontados com uma **crise de mercado**, com quedas excepcionais dos níveis de procura, com uma **crise estrutural do tecido empresarial**, com destruição descontrolada de empresas e de emprego, e com uma **crise financeira**, onde um Setor fortemente endividado enfrenta uma quase total ausência de financiamento.

## 1) A CRISE DE MERCADO

A crise de mercado atinge os três principais segmentos da Construção, em resultado de quebras simultâneas na procura das famílias, das empresas e do Estado, num contexto de falta de confiança generalizada dos agentes económicos na evolução da economia portuguesa.

Os números falam por si. Assim, nos últimos três anos e em termos acumulados:

- A atividade no segmento da Habitação caiu 75%, a conclusão de fogos 70% e o crédito concedido 82%;
- A produção no segmento Não Residencial decresceu 60%, 75% no turismo e 88% no comércio;
- O investimento público caiu 52.4% e as adjudicações 83.7%.

		Média 2009/2010	2012	2013 (1)	2013/2012 (2)	<b>Em 3 anos:</b>  • Procura cai 75%  • Conclusão de fogos cai 70%  • Crédito concedido cai 82%
<b>RESIDENCIAL</b>	Nº de fogos licenciados	25.874	11.156	6.504	-41,7	
	Nº de fogos concluídos	42.637	22.996	12.648	-44,8	
	Novos Créditos para aquisição de habitação Valor mensal (M €)	809,8	161,3	149,0	-8,0	

		Média 2009/2010	2012	2013 (1)	2013/2012 (2)	<b>Em 3 anos:</b>  • Procura total cai 60%:  • 75% no Turismo • 88% no Comércio
<b>NÃO RESIDENCIAL</b>	m2 licenciados Total	3.301.092	2.117.728	1.289.696	-39,1	
	m2 licenciados Turismo	300.764	169.900	75.945	-55,3	
	m2 licenciados Comércio	689.895	276.192	79.543	-71,2	
	m2 licenciados Uso Geral	836.714	511.161	348.612	-31,8	

Fontes: AECOPS, INE, Banco de Portugal

(1) No caso das licenças: previsão anual com base na evolução até abril de 2013,

No caso dos novos créditos, média dos valores observados nos três primeiros meses de 2013

No caso do licenciamento não residencial, previsão anual com base na evolução nos três primeiros meses de 2013

(2) No caso das licenças: variação homóloga até abril de 2013

No caso dos novos créditos e do licenciamento não residencial: variação homóloga até março de 2013

2013.julho

- As previsões para 2013 relativas ao licenciamento residencial apontam para uma redução de 19 mil novos fogos (-74,8%), face à média observada em 2009/2010;
- A evolução do novo crédito concedido para aquisição de habitação revela uma quebra drástica, superior a 700 milhões de euros/mês (-83%), com o volume de crédito concedido a reduzir-se dos 855 milhões/mês em 2009/2010 para apenas 149 milhões/mês nos meses iniciais de 2013.

**A procura de habitação cai 75% em 3 anos, enquanto os stocks de habitação para venda disparam no mercado e provocam um enorme aumento do crédito mal parado na banca.**

- O investimento em edifícios não residenciais, tendo como referência o número de m<sup>2</sup> licenciados por destino do edifício, evidencia uma quebra próxima dos 60% em 2013 face ao registado em 2010, menos dois milhões de m<sup>2</sup> em construção, o que, em termos monetários, poderá traduzir uma quebra anual de produção de cerca de 500 milhões de euros.

**Em 3 anos, o investimento em edifícios não residenciais cai 60%, com destaque para o turismo (75%) e áreas comerciais (88%)**

		Per. Ref.	Valor	2013 (P)	Variação 2013 / (período ref.)		
					Valor	(%)	
<b>ENGENHARIA CIVIL</b>	<b>Investimento Público (M€)</b>	<b>2010</b>	6.571,5	3.125,5	-3.446,0	-52,4	<b>Investimento Público agrava a crise e atinge mínimos históricos:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• quebra de 52,4%</li> <li>• apenas 391 M€ de novas obras em 2013</li> </ul>
	<b>Promoções (M€)</b>	<b>2008</b>	2.548,3	1.202,6	-1.345,7	-52,8	
	<b>Adjudicações (M€)</b>	<b>2001</b>	2.401,7	390,8	-2.010,9	-83,7	

Fontes: AECOPS; Relatório da 7ª avaliação da Troika (junho 2013); Boletim de Informações

(P) Previsão – no caso do investimento, as previsões resultam dos valores constantes do documento de avaliação da Troika; no caso das promoções e adjudicações de obras públicas, as previsões resultam das variações homólogas observadas até final de maio de 2013

Nota: os períodos de referência das promoções e adjudicações de obras públicas coincidem com os anos em que foram atingidos os respetivos valores máximos observados no período 2001 a 2012

**2013.julho**

Tendo por base o documento de avaliação sobre a economia portuguesa elaborado pela Troika (FMI, BCE, CE) em junho de 2013, o investimento público registará em 2013 uma quebra muito intensa, menos 3.5 mil milhões de euros (cerca de -52.4%) face ao registado em 2010, colocando o montante de investimento público previsto para 2013 em mínimos históricos.

**Investimento público atinge mínimos históricos em 2013  
e acentua a crise económica vivida no País**

Também a informação relativa ao mercado de obras públicas, disponível para os primeiros cinco meses do ano, aponta para quebras muito intensas, tanto nas promoções de novas obras, como na adjudicação de trabalhos de Engenharia Civil.

**Em 2013, prevê-se um montante de promoções de concursos de obras de Engenharia Civil de apenas 391 milhões de euros, face aos 816 milhões de euros de 2012, quando, em 2008, o volume de promoções rondou os 2,5 mil milhões de euros (uma quebra de 84.3%).**

## 2) A CRISE ESTRUTURAL DO TECIDO EMPRESARIAL

		Média 2009/2010	2013(P)	Variação 2013 / (2009/2010)		<b>Em 3 anos:</b>  <b>Destruição massiva de competências na Construção:</b>  • menos 205 mil empregos  • mais 60% de insolvências
				Nº/Valor	(%)	
<b>Destruição das capacidades</b>	<b>Insolvências de empresas (nº)</b>	749	1.198	449	<b>60,0</b>	
	<b>Emprego na Construção (mil)</b>	494,0	288,6	-205,4	<b>-41,6</b>	
	<b>Desempregados da Construção (mil)</b>	67,0	119,7	52,7	<b>78,7</b>	
	<b>Consumo de cimento (mil ton)</b>	5.596,3	2.264,7	-3.331,6	<b>-59,5</b>	

Fontes: AECOPS; Instituto Informador Comercial; INE; IEFP; ATIC

(P) Previsão – no caso das insolvências, a previsão resulta da variação homóloga verificada até 30 de maio de 2013; no caso do emprego, a previsão resulta da variação homóloga do nº de empregados da Construção observada no 1º trim. de 2013; no caso do número de desempregados, a previsão resulta da variação homóloga observada até abril de 2013 no nº de desempregados da Construção; e no caso do cimento, a previsão resulta da variação homóloga observada até maio de 2013.

Nos três últimos anos, verificou-se uma intensa destruição da capacidade produtiva e das competências do setor da Construção, com o número de insolvências de empresas a aumentar 60%, arrastando um número crescente de trabalhadores para o desemprego, com os inevitáveis efeitos sociais daí decorrentes.

**De 67 mil desempregados da Construção em 2009/2010, o número disparou para perto dos 120 mil em maio de 2013, podendo ultrapassar os 200 mil até ao final do ano**

A quebra na produção do Setor, também visível pela forte redução verificada no consumo de materiais como é o caso do cimento, cujo consumo diminuiu em cerca de 3.3 milhões de toneladas/ano, tem como efeito imediato a destruição de muitos postos de trabalho diretos e indiretos e o desaparecimento de muitas das competências da Engenharia Portuguesa.

**Segundo o inquérito ao Emprego do INE, perderam-se mais de 200 mil postos de trabalho no setor da Construção, ao longo dos três últimos anos**

### 3) A CRISE FINANCEIRA

		Média 2009/2010	2013 (Jan/Mar)	Variação 2013 / (2009/2010)		
				Valor	(%)	
Estrangulamento financeiro do Setor	Empréstimos às empresas de Construção Saldos de fim de período (M €)	25.127,5	19.701,3	-5.426,2	-21,6	<b>Setor enfrenta corte violento no crédito</b>
	de cobrança duvidosa (M €)	1.563,5	3.923,0	2.359,5	150,9	
	Novos empréstimos para aquisição de habitação (M €)	809,8	149,0	-660,8	-81,6	

Fonte: Banco de Portugal

Durante décadas, o setor da Construção funcionou como principal agente financiador de grande parte das obras realizadas no País, desde os edifícios até às infraestruturas, garantindo junto da banca os meios financeiros necessários, mas quantas vezes não disponibilizados atempadamente pelos donos de obra, para a realização dos trabalhos necessários.

Durante um longo período de tempo e até ao eclodir da atual crise financeira, o financiamento da atividade foi garantido junto da banca, de uma forma relativamente fácil e com custos reduzidos. Como resultado, o Setor endividou-se e aumentou a sua exposição à crise.

**A contração do crédito ao Setor atinge os 5,4 mil milhões de euros no início de 2013, menos 21.6% face ao período 2009/2010, colocando problemas acrescidos de tesouraria, que podem comprometer empresas economicamente viáveis**

Simultaneamente, em 2013, o crédito concedido às famílias para aquisição de habitação cai a pique, menos 661 milhões de euros/mês, quando comparado com a realidade de há três anos atrás.

**Crédito concedido às famílias para aquisição de habitação cai 82% em três anos**

## 4) CONCLUSÃO

**Os números da crise são esmagadores, o Setor vive uma espiral recessiva e não há sinais de recuperação**

Temos insistido que a Construção está em risco de colapso, que, a verificar-se:

- Não deixará de arrastar diretamente na queda o sistema bancário e, indiretamente, o conjunto das outras atividades económicas, obrigando eventualmente a um novo plano de resgate. De facto, a Construção representa um risco sistémico para a banca, tendo em conta o nível de endividamento do Setor e o facto de, em conjunto com o imobiliário, representar cerca de 1/3 do total do crédito concedido às empresas;
- Contribuirá para acentuar o clima de instabilidade, podendo por em causa a coesão social. Efetivamente, tendo em conta o nível atual de desemprego e as características e perfil pouco qualificado dos trabalhadores do Setor, existe a convicção de que o País não dispõe de estruturas para integrar e reconverter mais dezenas de milhares de desempregados da Construção, a juntar aos 200 mil que perderam o emprego nos últimos três anos;
- Significa o destruir das competências e dos recursos, acumulados ao longo de décadas, de uma atividade estratégica para qualquer processo de crescimento sustentado.

**Mas o colapso não é inevitável.**

**As empresas de construção estão a resistir e a lutar para evitar o colapso.**

**Não desistem e procuram sobreviver na esperança de um novo ciclo, reduzindo os custos para além do “imaginável”, procurando novos segmentos de atividade e novos mercados geográficos.**

**Mas, para que este esforço não seja em vão, é necessária uma nova política e um programa de emergência que promova o investimento e que, ao mesmo tempo, contribua para desendividar e reestruturar a dívida das empresas de construção.**